



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
INSTITUTO DE ARTES
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO

OSCAR XAVIER DE FREITAS NETO

GAIA: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE O PLANETA E OS DESAFIOS DA
SUSTENTABILIDADE

CAMPINAS

2021

OSCAR XAVIER DE FREITAS NETO

GAIA: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE O PLANETA E OS DESAFIOS DA
SUSTENTABILIDADE

Monografia apresentada ao Instituto Geociências, Instituto de Artes e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Especialista em Jornalismo Científico.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Pallone de Figueiredo

Este exemplar corresponde à versão final da monografia apresentada pelo aluno Oscar Xavier de Freitas Neto e orientado pela Profa. Dra. Simone Pallone de Figueiredo

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

F884g Freitas Neto, Oscar Xavier de, 1989-
Gaia : uma série de podcast sobre o planeta e os desafios da sustentabilidade / Oscar Xavier de Freitas Neto. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Simone Pallone de Figueiredo.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Jornalismo científico. 2. Podcasts. 3. Sustentabilidade. 4. Narrativas. I. Figueiredo, Simone Pallone de, 1967-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Gaia: a podcast series on the planet and sustainability challenges

Palavras-chave em inglês:

Scientific journalism

Podcasts

Sustainability

Storytelling

Titulação: Especialista

Banca examinadora:

Simone Pallone de Figueiredo [Orientador]

Daniela Tonelli Manica

Sarah Azoubel Lima

Data de entrega do trabalho definitivo: 18-01-2021

RESUMO

Não há desafio mais premente do que a busca por proporcionar bem-estar para que a população goze de uma vida digna, principalmente tendo em vista a complexidade da mudança do clima, do panorama político caótico e negacionista. Neste cenário, a proposta do projeto foi criar uma série de podcast que trate do assunto, com seis episódios a serem veiculados no O2. Entre os possíveis formatos de comunicação, o escolhido foi o podcast, que passa por um grande crescimento no Brasil. O objetivo do projeto foi prover à audiência assuntos da agenda da sustentabilidade, sensibilizando o público sobre sua importância para o planeta e para a vida de todos, e trazendo esclarecimentos sobre lacunas, incertezas e contradições existentes.

ABSTRACT

There is no more pressing challenge than providing well-being for the population to enjoy a dignified life, especially in view of the complexity of climate change, the chaotic and denialist political landscape. In this scenario, the project's proposal was to create a podcast series that addresses the subject, with six episodes to be aired on Oxiênio podcast. Among the possible communication formats, the podcast was chosen, which is undergoing great growth in Brazil. The aim of the project was to provide the audience with issues on the sustainability agenda, raising public awareness about its importance for the planet and for everyone's life, and bringing clarifications about existing gaps, uncertainties, and contradictions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	7
1.1. COMPLEXIDADE E NEGACIONISMO	8
1.2. CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA.....	9
3. OBJETIVOS.....	11
4. MÉTODOS.....	11
4.1. A SÉRIE	11
4.2. PÚBLICO-ALVO.....	12
4.3. FORMATO E REFERÊNCIA.....	12
4.4. PRODUÇÃO	13
5. RESULTADOS	14
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
7. REFERÊNCIAS	16

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Um dos maiores desafios que a humanidade já enfrentou está se desenrolando agora e as ações de hoje impactarão a condição de vida dessa e das próximas gerações. Estima-se que serão quase 10 bilhões de pessoas no mundo até 2050 e o grande desafio é prover uma vida decente e bem-estar para todos, sem comprometer os limites ecológicos do planeta. Um planeta “saudável” é a base para que isso seja possível (UN Environment, 2019).

O consenso científico é que as ações humanas, notadamente as emissões de gases do efeito estufa, têm causado a mudança do clima. Já convivemos com uma maior frequência de eventos climáticos extremos: ondas de calor, secas, mudanças no regime de chuva, proliferação de vetores de doenças entre outros impactos. Isso deve ainda influenciar os ecossistemas e a biodiversidade, e, por consequência, a saúde, a segurança alimentar e os modos de vida e subsistência das populações (IPCC, 2014).

“Interações complexas entre múltiplas influências climáticas e não-climáticas mudando com o tempo levam a incertezas persistentes” (*ibidem*, p. 37). Como se trata de um problema complexo, não há uma solução única. Diversas ações de vários tipos são necessárias para a mitigação e adaptação às mudanças que já estão ocorrendo. Ações como governança efetiva, inovação e investimento em tecnologias e infraestrutura, assim como busca por hábitos e modos de vida mais sustentáveis. Dessa forma, é essencial a cooperação em diversas escalas e a integração de múltiplas ações que se conectem com outros objetivos da sociedade (IPCC, 2014).

Em 2015 foi assinado, na 21ª Conferência das Partes da UNFCCC (COP 21), o Acordo de Paris por 195 países, com o objetivo de “manter o aumento da temperatura média global a menos de 2°C acima dos níveis industriais e promover esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais” (UNFCCC, 2015). Em 2018, um novo relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2018) reforçou a necessidade de manter a temperatura abaixo de 1,5°C, já que os riscos ao sistema natural e humano são maiores ao ultrapassar a marca. Esse mesmo relatório estima que o aumento de temperatura global tenha chegado a

1,0°C. Em 2019, um relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA, 2019) afirmou que, com os compromissos atuais, o mundo caminha para um aumento de 3,2°C até o final do século e que será necessário um corte de 7,6% das emissões por ano de 2020 e 2030 para haver uma possibilidade de limitar o aumento até 1,5°C.

1.1. COMPLEXIDADE E NEGACIONISMO

A dimensão do problema da Mudança do Clima dificulta a apreensão do fenômeno como um todo. Por essa razão, Timothy Morton classifica a Mudança do Clima como um Hiperobjeto.

Hiperobjetos são um tipo relativamente novo de objetos que, segundo Morton, desafiam a percepção que temos (ou que o senso comum tem) do tempo e do espaço, porque estão distribuídos de tal maneira pelo globo terrestre que não podem ser apreendidos diretamente por nós, ou então que duram ou produzem efeitos cuja duração extravasa enormemente a escala da vida humana conhecida (DANOWSKI, 2012, p. 1).

Não há como negar que há um consenso científico na questão da Mudança do Clima. Um estudo realizado por Cook *et al.*, (2013) encontrou, examinando artigos publicados, uma porcentagem de 97,2% de respostas que endossavam a posição de consenso de que os humanos estão causando o aquecimento global. O autor principal do artigo já se manifestou afirmando que o consenso já passou dos 99% (WATTS, 2019).

Apesar disso, o movimento negacionista tem sido ruidoso. O negacionismo da ciência não é novo, a indústria do petróleo financiou e promoveu campanhas de desinformação sobre o tema. O caso mais emblemático é o da Exxon Mobil que já havia realizado estudos, nos anos 70, sobre as consequências da emissão de Gases do Efeito Estufa (HALL, 2015). Pelo mundo, líderes com grande poder de decisão têm se mostrado adeptos a esse discurso.

Segundo Latour (2018), o negacionismo, central para entender a política dos últimos 50 anos, vem de um projeto que busca nos alienar de um mundo comum. A hipótese levantada por ele é que as elites perceberam que não há planeta suficiente para o projeto de desenvolvimento que construíram e que, portanto, deveriam se proteger deixando o resto da população a sua sorte.

Daí viria a desregulamentação, destruição da solidariedade e do estado de bem-estar social.

1.2. CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO

A ciência constrói conhecimento em uma constante interação de uma rede de humanos (cientistas, engenheiros, burocratas etc.) e não humanos (laboratório, máquinas, vírus etc.). Os fatos científicos não se constroem apenas dentro dos laboratórios, mas também na negociação e convencimento de pares e da sociedade (LATOURET, 2000). O cientista faz, então, um movimento de sístole e diástole. Ora buscando o silêncio do laboratório, ora saindo para a ágora:

Não existe saber assegurado se este não for retirado da ágora, se não passar pelo laboratório, cujas portas terão sido cuidadosamente fechadas para que se possa contar com o simples tempo de pensar e preparar, às vezes durante muitíssimos anos, experiências pertinentes, até que seja acumulado um saber suficientemente fino e especializado. Mas, ao mesmo tempo, [...], é impossível permanecer no laboratório. Logo após entrar no silêncio desses recintos, o homem de ciência deve voltar a sair para convencer outros colegas, para interessar financiadores, os industriais, para ensinar os estudantes, para satisfazer o apetite de conhecimento do público. (LATOURET, 2016, p.156, tradução nossa)

Normalmente, os resultados são apresentados em caixas-pretas, indecifráveis para aqueles que não estudam intimamente o assunto. Essas considerações postas, compartilho as perguntas que Marras (2016) levanta: “Qual ciência pôr à vista? Ainda aquela dos resultados e dos consensos, dos fatos encerrados em opacas e inacessíveis caixas-pretas?” e “as ciências saberão compartilhar questões e não apenas respostas, resultados?”. Nessa perspectiva, uma comunicação da ciência deveria levar informação, mas também buscar a aproximação de outros saberes, apresentar incertezas e contradições.

não se entenda que abrir publicamente as ciências, expor suas dúvidas, incertezas, disputas, controvérsias, signifique diminuí-las ou desprestigiá-las em qualquer sentido. Ao contrário, compõe o rol das principais exigências, dos principais desafios hoje, compreender que expor fraquezas e fragilidades das ciências faz precisamente a fortaleza delas – sempre fez. (MARRAS, 2016)

2. JUSTIFICATIVA

Uma pesquisa realizada pelo IBOPE e CNI (2012), ao perguntar o que deveria priorizar quando houver conflito entre a proteção do meio ambiente

e o crescimento econômico, encontrou que 44% diziam que a prioridade é o meio ambiente e 40% que é possível conciliar a proteção ao meio ambiente com crescimento. Além disso, 53% dos entrevistados defendem que o desmatamento da Amazônia deveria ser tema prioritário para políticas e ações em relação ao meio ambiente. Já na pesquisa, mais atual (2019), realizada pelo Datafolha (GARCIA, 2019), a maioria da população concorda que o planeta está esquentando (85%) e que a origem do problema é antropogênica (72%).

De acordo com Marques Filho (2015), a percepção de que com mais excedente há mais segurança é uma equação que sempre funcionou, contudo isso se inverteu. Mais excedente, portanto, transforma-se, na verdade, em menos segurança. “A dificuldade de perceber essa inversão, sua gravidade e a extensão de suas implicações é o principal obstáculo cognitivo a uma tomada de consciência mais generalizada dos impasses ambientais que nos ameaçam” (MARQUES FILHO, 2015).

De forma geral, há um reconhecimento que a questão ambiental é essencial e que a mudança do clima está em curso. Contudo, isso não se mostra suficiente frente a falta de um movimento mais intenso da sociedade civil e as poucas e insuficientes ações por parte da sociedade, indústria e governo. É possível inferir que, apesar do reconhecimento dos desafios, não há um entendimento mais profundo dos assuntos relacionados devido em parte à complexidade, dimensão do desafio e grande interdisciplinaridade do conhecimento.

Não há desafio mais premente do que a busca por proporcionar bem-estar para que a população possa ter uma vida digna, isso tendo em vista a complexidade que a mudança do clima, o panorama político caótico e negacionista adiciona ao cenário. Considerando isso, é importante que se multipliquem experiências de comunicação que tratem de assuntos ligados a essa agenda.

O podcast está em franco crescimento no Brasil e já se encontra no segundo lugar no mundo no número de downloads (BLUBRRY, 2019). Segundo o IBOPE (PACETE, 2019), 40% dos internautas brasileiros já ouviram podcast, 19% são ouvintes regulares e mais de um terço não conhecem a

mídia. Ainda de acordo com a pesquisa, os mais interessados são jovens e pessoas das classes A e B. 2019 foi o ano em que diversas empresas de mídia investiram no formato, sendo o caso mais notório o da Globo que lançou podcasts de variados assuntos (notícias, saúde, esporte etc.). O mercado do podcast tem potencial alto de crescimento por apresentar características que facilitam tanto a produção quanto o consumo.

3. OBJETIVOS

O objetivo do projeto é desenvolver, produzir e lançar uma série de episódios para o podcast Oxigênio, que apresentem narrativas para ajudar a entender o maior desafio que a humanidade já enfrentou: como garantir uma vida digna para todos em um mundo cada vez mais incerto.

Os objetivos específicos são:

- Prover à audiência assuntos relacionados à sustentabilidade, sensibilizar para a sua importância para o planeta e vida de todos.
- Esclarecer lacunas, incertezas e contradições existentes.

4. MÉTODOS

4.1. A SÉRIE

A proposta da série foi realizar episódios curtos, em torno de 20 minutos de duração, com dois pesquisadores entrevistados. Foram selecionados temas que, por vezes, são tratados como informações tomadas como fatos, mas que escondem a complexidade do conhecimento para chegar a elas. Para apresentar um exemplo, o segundo episódio foca em como é possível reconstruir o clima do passado, já que será cada vez mais comum ouvir que os próximos anos serão os mais quentes, como acontece na matéria do El País (CRIADO, 2019) com o título “Aquecimento atual é o mais universal e intenso em 2.000 anos”, que cita a reconstrução, mas não entra em detalhes.

O nome da série, Gaia, é retirado do conceito de intrusão de Gaia de Stengers (2015) — retomando o conceito de Gaia de James Lovelock e Lynn Margulis — que descreve o “agenciamento de processos materiais que não pede nem para ser protegido nem para ser amado, e não se comove com a

manifestação pública de nosso remorso, à intrusão em nossa história de uma forma de transcendência” (STENGERS, 2015, p. 41). Pensar por meio desse conceito, proporciona pensar em um planeta completamente interligado e em uma nova forma de relação entre os humanos e a Terra. Ideias que estão expressas no *podcast*.

4.2. PÚBLICO-ALVO

O público-alvo deve estar em conformidade com o público do Oxigênio, prioritariamente entre 25 a 34 anos, sendo 63% feminino. Pensando no ouvinte ideal, seria alguém com preocupações em relação ao meio ambiente e as desigualdades, mas que, contudo, está perdido na grande amplitude de discussões e controvérsias dos assuntos da sustentabilidade. É, também, um ouvinte que, com maior conhecimento sobre os assuntos relacionados à sustentabilidade, pode buscar se engajar na questão seja como cidadão, consumidor ou agente de mudança.

4.3. FORMATO E REFERÊNCIA

O formato e estética do programa teve como principal referência o *podcast* Radiolab, produzido pela rádio pública de Nova Iorque (WNYC), que trata de grandes assuntos científicos e filosóficos. A estética do Radiolab consiste em uma multiplicidade de vozes que interagem, respondem, conduzidas pelos apresentadores.

Isso produz um ritmo característico que puxa o ouvinte conforme as diferentes vozes incorporam novas ideias. As vozes fornecem contornos e contrapontos que impregnam cada episódio com uma musicalidade harmoniosa. [...] O Radiolab soa como pessoas entrevistadas separadamente, que parecem responder às perguntas umas das outras ou falar em uníssono (ECKSTEIN, 2013, p. 103).

O processo de construção do Radiolab, após captação de entrevistas, é feito, primeiro, com seleção de partes importantes das entrevistas, então é realizado um processo de experimentação repetitivo em que o roteiro é escrito por meio de testes de gravação (WNYC, 2016). Do mesmo modo, no projeto, busquei construir o roteiro por meio do teste e gravação, o que facilita a adequação ao formato.

4.4. PRODUÇÃO

A produção seguiu as seguintes etapas: pesquisa, captação, roteirização, locução, edição e divulgação.

A pesquisa começou pelo levantamento de possíveis temas e busca de possíveis estudos/artigos e fontes por meio do Google e do Lattes. Para escolha da fonte, foi considerada a relevância do trabalho e a ligação como tema do episódio. Também foi checado se a pessoa já havia sido entrevistada outras vezes, se participou de outras experiências de comunicação, entre outras evidências de que aceitaria o convite e teria mais desenvoltura para falar. Já nesta etapa foi feito um esboço do episódio, o caminho em tópicos que o episódio percorreria e que servia também como direcionamento para as entrevistas.

Após o contato com as fontes, a captação das entrevistas foi realizada por meio do site *Zencast*, uma plataforma própria para a gravação de *podcasts*. Eram enfatizados a informalidade das gravações; o formato com bastante edição do *podcast*, o que deixava o entrevistado mais livre para repetir algo se considerasse necessário; e os tópicos que gostaria de cobrir. Em geral, as entrevistas duravam por volta de uma hora, o que totalizava duas horas de material bruto por episódio.

Tentando realizar um processo semelhante ao do Radiolab, as etapas de roteirização, locução e edição foram realizadas em simultâneo. Em princípio, era realizada a escuta das entrevistas anotando os tempos dos assuntos abordados e frases importantes que deveriam entrar no episódio. Com isso, e um esboço do caminho percorrido – que de modo geral não se alterava muito do esboço realizado antes das entrevistas – foi realizado um processo de corte das falas, escrita, escolha de música e efeitos sonoros e gravação da locução em blocos. A partir desses testes, os blocos do episódio passaram por ajustes até se transformarem na versão final. A locução foi realizada em microfone dinâmico e computador próprios, a edição foi realizada no programa Adobe Audition. As músicas e efeitos sonoros vieram de bases livres da internet: YouTube Audio Library, Blue Dot Sessions e Freesound.

Por fim, foram produzidas imagens para serem divulgadas nas redes sociais do Oxigênio e uma lista de perfis a serem marcados (entrevistados e perfis dos respectivos laboratórios/instituições).

5. RESULTADOS

Este projeto passou por profundas modificações que atrasaram o início da produção. A princípio o projeto se propunha a criar um podcast para o lugar em que hoje trabalho, o Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV. Diante de entraves burocráticos e necessidade de mais tempo, o projeto foi modificado para o que se descreve aqui. A base conceitual foi mantida, contudo a maior parte da programação dos episódios teve que ser repensada.

O cenário da pandemia de Covid-19 não impôs problemas técnicos para produção do podcast. A plataforma Zencast funcionou muito bem, dando qualidade de áudio e facilidade de utilização para os entrevistados. A maior dificuldade do projeto foi realmente o impacto psicológico do contexto atual com a necessidade de conciliar outras atividades da especialização, em especial o último semestre, e o trabalho.

Considerando até o quarto episódio, os entrevistados estão em número igual para homens e mulheres. A distribuição por estado ficou como o seguinte: 4 de São Paulo; 1 do Rio de Janeiro; 1 do Paraná; 1 do Ceará; e 1 da Bahia.

Episódio 1 – Papel ou Secador Elétrico: esse episódio se aproveitou do fato de que a FGV trocou as toalhas de papel dos banheiros por secadores elétricos e que dois pesquisadores, especialistas em Avaliação do Ciclo de Vida (ACV) do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV (FGVces), resolveram realizar um pequeno estudo para verificar qual seria a melhor opção ambientalmente. Foi possível explicar sobre a ACV, usos e a importância que terá no futuro em certificações e para o mercado internacional. Participaram Ricardo Dinato e Juliana Picoli, ambos do FGVces. Além da circulação no site do Oxigênio, o episódio apareceu na página principal do site da Unicamp na seção “Rádio e TV”.

Link para acesso ao episódio: <http://oxigenio.comciencia.br/103-gaia-episodio-1-papel-ou-secador-eletrico/>

Episódio 2 – O passado no oceano: teve como foco como é possível saber o clima do passado, tomando como ponto de partida o gráfico taco de hockey que mostrava a temperatura dos últimos dois mil anos e, por mostrar claramente o aquecimento nos últimos anos, se tornou um símbolo. O episódio contou com a participação de Renata Nagai, da Universidade Federal do Paraná, e Natan Pereira, da Universidade do Estado da Bahia, que trabalham com paleoclimatologia. O episódio apareceu na página principal do site da Unicamp na seção “Rádio e TV”.

Link para acesso ao episódio: <http://oxigenio.comciencia.br/108-gaia-episodio-2-o-passado-no-oceano/>

Episódio 3 – Projetando o futuro: foi pensando como um duplo oposto do episódio 2. Se o segundo mostra como é possível saber o passado, o terceiro foca nas projeções do futuro. Nesse episódio participam Alexandre Costa, da Universidade Estadual do Ceará, falando sobre os Modelos Globais de Clima e a pesquisadora Layla Lambiasi conta sobre o estudo, realizado pelo FGVces e a Agência Nacional de Água, que avaliou medidas de adaptação em uma bacia no nordeste do Brasil. O episódio focou nas incertezas das projeções do futuro e tomou o estudo na bacia como exemplo de como é possível tratar as incertezas para tomar decisões.

Link para acesso ao episódio: <http://oxigenio.comciencia.br/103-gaia-episodio-3-projetando-o-futuro/>

Episódio 4: esse episódio trata da relação de plantas e aves na dispersão de sementes e como a fragmentação da Mata Atlântica e a defaunação afetam essas relações. Também focará na importância da preservação e recuperação de áreas como a Mata Atlântica. O episódio contará com Carine Emer, que traz os resultados de estudos realizados em pós-doutorado na UNESP e deve contar com Bernardo Strassburg, da PUC Rio.

Episódio 5: o episódio trata de tecnologias sociais em projetos de adaptação à mudança do clima e convivência com o sertão. Devem participar do episódio Andrea Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, e Cíntya Feitosa, do Instituto Clima e Sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que o projeto alcançou o objetivo de trazer à tona assuntos diversos da sustentabilidade com sua complexidade, esclarecendo ainda lacunas, incertezas e contradições existentes. Para a minha formação, foi de grande importância para desenvolver diversas habilidades nas diferentes etapas de produção: da pesquisa em documentos científicos, ao planejamento, edição e entrevista. Além de proporcionar maior familiaridade com o formato do *podcast* o qual nunca havia tido a experiência de produzir.

Como fragilidade do projeto desenvolvido, destaco a divulgação que deveria ter sido mais bem planejada por mim para se buscar furar a bolha dos ouvintes frequentes do Oxigênio. Contudo, devido ao cronograma apertado, foquei-me nas etapas de produção. Também acredito que os episódios poderiam ter mais vozes diversas, inclusive, que não se limitassem apenas a pesquisadores.

7. REFERÊNCIAS

BLUBRRY. Podcast Stats Soundbite: Brazil In Bloom. **Blubrry Podcasting**, 2019. Disponível em: <https://blubrry.com/podcast-insider/2019/02/01/podcast-stats-soundbite-brazil-bloom/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CNI; IBOPE. **Retratos da sociedade brasileira: meio ambiente**. Brasília: CNI, 2012. Disponível em: http://arquivos.portaldaindustria.com.br/app/conteudo_24/2012/07/09/80/20120828024710449864e.pdf. Acesso em: 30 dez. 2020.

COOK, J. et al. Quantifying the consensus on anthropogenic global warming in the scientific literature. **Environmental Research Letters**, 8, p. 2013. Disponível em: <http://iopscience.iop.org/1748-9326/8/2/024024/article>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

CRIADO, Miguel Ángel. Aquecimento atual é o mais universal e intenso em 2.000 anos. **El País**. [S.L.]. 26 jul. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/24/ciencia/1563952725_398858.html. Acesso em: 30 dez. 2020.

DANOWSKI, Déborah. O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo. **Sopro**, S. L., v. 70, n. 1, p. 1-11, abr. 2012. Disponível em:

<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/hiperrealismo.html#.Xp4HLFxKiUk>. Acesso em: 19 abr. 2020.

ECKSTEIN, Justin M. **Sound Reason**: radiolab and the micropolitics of podcasting. 2013. 196 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arts And Humanities, University Of Denver, Denver, 2013. Disponível em: <https://digitalcommons.du.edu/etd/176>. Acesso em: 19 abr. 2020.

GARCIA, Rafael. No Brasil, 85% afirmam que o planeta está se aquecendo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/no-brasil-89-afirmam-que-o-planeta-esta-se-aquecendo.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2020.

HALL, Shannon. Exxon Knew about Climate Change almost 40 years ago. **Scientific American**, New York, v. 0, n. 0, p. 0-0, 26 nov. 2015. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/exxon-knew-about-climate-change-almost-40-years-ago/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

IPCC. **Climate Change 2014**: synthesis report. Genebra: IPCC, 2014. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar5/syr/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

IPCC. **Global Warming of 1.5 °C**. Genebra: IPCC, 2018. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/sr15/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

LATOUR, Bruno. **Cogitamus**: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

LATOUR, Bruno. **Down to earth**: politics in the new climate regime. Cambridge: Polity Press, 2018.

LATOUR, Bruno. **Where to land after the pandemic?** a paper and now a platform. A paper and now a platform. 2020. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/node/852.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

WATTS, Jonathan. 'No doubt left' about scientific consensus on global warming, say experts. **The Guardian**. Londres. 24 jul. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2019/jul/24/scientific-consensus-on-humans-causing-global-warming-passes-99>. Acesso em: 19 abr. 2020.

WNYC. **A Radiolab Producer on the Making of a Podcast**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uVYWQJ5BB_w>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MARRAS, Stelio. Qual ciência visar? **Climacom**, Campinas, v. 3, n. 6, p. 97- 107, jun. 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/qual-ciencia-visar>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MARQUES FILHO, L. C. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2015. ISBN 9788526812741.

PACETE, Luiz Gustavo. No Brasil, 40% dos internautas já ouviram podcast. **Meio e Mensagem**, 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/05/13/no-brasil-40-dos-internautas-ja-ouviram-podcast.html>. Acesso em: 19 abr.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo, SP: CosacNaify, 2015, c2009. 157 p. ISBN 9788540509757 (broch.).

UN Environment. **Global Environment Outlook - GEO-6**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019a. Disponível em: <https://www.unenvironment.org/resources/global-environment-outlook-6>. Acesso em: 19 abr. 2020.

UN Environment. **Relatório sobre a Lacuna de Emissões 2019**. Genebra: UN Environment, 2019b. Disponível em: <https://www.unenvironment.org/pt-br/resources/relatorio-sobre-lacuna-de-emissoes-2019>. Acesso em: 19 abr. 2020.

UNFCCC. **Acordo de Paris**. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acordodeparis/>. Acesso em: 19 abr. 2020.